



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

NATALIA SANTOS ALVES

**ENSINO DE GEOGRAFIA, GLOBALIZAÇÃO E COTIDIANO: Promovendo a
educação cidadã por meio de uma abordagem crítica**

Recife
2022

NATALIA SANTOS ALVES

**ENSINO DE GEOGRAFIA, GLOBALIZAÇÃO E COTIDIANO: Promovendo a
educação cidadã por meio de uma abordagem crítica**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao departamento de Ciências
Geográficas, do Centro de Filosofia e
Ciências Humanas da Universidade
Federal de Pernambuco, como requisito
parcial para conclusão do curso de
Licenciatura em Geografia.

Orientador (a): Prof. Me. JOSIAS IVANILDO FLORES DE CARVALHO

Recife

2022

NATALIA SANTOS ALVES

**ENSINO DE GEOGRAFIA, GLOBALIZAÇÃO E COTIDIANO: Promovendo a
educação cidadã por meio de uma abordagem crítica**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao departamento de Ciências
Geográficas, do Centro de Filosofia e
Ciências Humanas da Universidade
Federal de Pernambuco, como requisito
parcial para conclusão do curso de
Licenciatura em Geografia.

Aprovado em: 08/11/2022

BANCA EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente

JOSIAS IVANILDO FLORES DE CARVALHO

Data: 23/05/2023 11:46:49-0300

Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Me. Josias Ivanildo Flores de Carvalho - UFPE (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Daniel Victor Neves Raposo (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dra. Ana Regina Marinho Dantas Barboza da Rocha Serafim (Examinador
Externo)
Universidade de Pernambuco

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Alves, Natalia Santos.

Ensino de Geografia, Globalização e Cotidiano: Promovendo a Educação Cidadã por meio de uma Abordagem Crítica / Natalia Santos Alves. - Recife, 2022.

40 : il.

Orientador(a): Josias Ivanildo Flores de Carvalho

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Geografia - Licenciatura, 2022.

1. Ensino de Geografia. 2. Cotidiano. 3. Globalização. 4. Cidadania. I. Carvalho, Josias Ivanildo Flores de. (Orientação). II. Título.

370 CDD (22.ed.)

Para Marcos, que esteve comigo em todos os momentos de mudanças importantes.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por sua infinita bondade e cuidado. Por fazer presente mesmo nos momentos mais difíceis da minha trajetória.

Aos meus pais, Selma e Jônatas por sempre me ensinarem o valor da educação, por todo o amor e respeito que me foi concedido, e por todo o suporte necessário nas minhas escolhas.

Ao meu amado, Marcos, que esteve ao meu lado durante todo meu processo de formação da última década, e que me inspira todos os dias como pessoa e profissional.

Aos meus irmãos, Júlio e Ester que me são parte indissociável da minha construção de identidade desde que chegaram em minha vida.

Aos meus amigos e companheiros de graduação, especialmente a Yago, André e Bruno, que estiveram comigo durante as aulas e fora delas durante minha graduação, e para além dela.

Aos meus amigos Joice, Philipe, Thayanne e Eunice, obrigada por sempre confiarem em mim, e por estarem por perto mesmo quando divergimos em alguns aspectos.

Ao meu orientador, Josias. Muitíssimo obrigada, por ter me auxiliado com o desenvolvimento deste trabalho, seus conselhos foram preciosos para cada palavra escrita nessa pesquisa, e para a minha formação.

A todos os professores do Departamento de Ciências Geográficas que tive o privilégio de conhecer. Cada um de vocês me auxiliou na construção do conhecimento que adquiri nestes longos anos em que estive na Universidade Federal de Pernambuco.

A todos os funcionários do Centro de Filosofia e Ciências Humanas e da Universidade Federal de Pernambuco, vocês são parte imprescindível do corpo desta instituição.

“Há fronteiras nos jardins da razão”
(Chico Science)

RESUMO

O ensino de Geografia possui como uma das finalidades proporcionar aos alunos uma compreensão por meio da análise do espaço em que eles vivem, buscando uma abordagem crítica para os conteúdos a serem trabalhados em sala de aula, a fim de que os alunos possam construir noções de coletividade e solidariedade. O presente estudo tem como objetivo compreender como o ensino de Geografia pode auxiliar no processo de construção da cidadania, relacionando temas do cotidiano dos alunos com os conteúdos abordados. O processo de globalização foi escolhido como exemplo de um conteúdo que pode ser explorado dessa maneira. Para a realização da pesquisa, foram consultados autores de diferentes áreas do conhecimento, sendo a maioria deles das ciências humanas; bem como alguns dos principais documentos que regulam a educação básica no Brasil. Por meio da utilização de diferentes recursos didáticos, é possível fazer conexões entre os aspectos da vida cotidiana com os temas abordados nas aulas.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Cidadania; Globalização; Cotidiano.

ABSTRACT

One of the main aims of the teaching of Geography is providing the students with comprehension through the analysis of the space where they live, seeking a critical approach to the content being covered in the classroom, so that the students can build notions of collectivity and solidarity. The current study aims at understanding how Geography teaching can help in the process of building citizenship, relating themes from the students' everyday lives to the content covered. The process of Globalization was chosen as an example of a piece of content that can be explored that way. To accomplish this research, authors from different areas of knowledge were consulted, most of them from the human sciences; as well as official documents that regulate basic education in Brazil. Through the use of different didactic resources, it's possible to make connections between aspects from students' daily lives to themes addressed in class.

Keywords: Geography teaching; Citizenship; Globalization; Everyday life.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	O ENSINO DE GEOGRAFIA NO BRASIL	13
2.1	História do Ensino de Geografia no Brasil	13
2.2	Influência da Geografia Crítica no Ensino de Geografia no Brasil	15
3	O PAPEL DA GEOGRAFIA NA FORMAÇÃO DA CIDADANIA	18
3.1	Cidadania no Contexto Escolar	18
3.2	Cidadania, Ensino e Cotidiano	19
4	GLOBALIZAÇÃO E ENSINO DE GEOGRAFIA	23
4.1	Conceitualizando Globalização	23
4.2	Globalização e Neoliberalismo	25
4.3	Globalização no Ensino de Geografia	26
5	GLOBALIZAÇÃO E COTIDIANO	29
5.1	Globalização, Transporte e Trabalho	30
5.2	Globalização e Comunicação	32
5.3	Globalização e Mídia de Entretenimento	33
5.4	Globalização e Indústria da Moda	34
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
	REFERÊNCIAS	38

1 INTRODUÇÃO

O estudo da Ciência Geográfica no Brasil sofreu alterações desde o início de sua institucionalização como parte do currículo básico da educação. De forma geral, estas modificações se sucederam de acordo com as necessidades e estratégias adotadas pelos governos. Inicialmente, a Geografia escolar era tida como uma disciplina descritiva, que tinha como principal objetivo a análise de paisagens. Com o passar dos anos, o aspecto social foi tornando-se mais relevante; e na segunda metade do século XX, surge uma corrente denominada Geografia Crítica. Nos últimos anos, o ensino básico tem se proposto a desenvolver a criticidade dos alunos. Por isso, pode-se dizer que atualmente existe influência dessa corrente nas bases do ensino da disciplina.

Segundo a legislação brasileira, um dos objetivos da educação é o preparo para exercer a cidadania plenamente. Para que tal fim seja alcançado, o professor necessita relacionar o conhecimento prévio do aluno com as temáticas abordadas em sala de aula, a fim de que o mesmo consiga associar a sua vivência com o conteúdo trabalhado, contribuindo assim para a construção de um conhecimento significativo que auxilie na vida do aluno na sociedade em que está inserido.

Relacionar o conteúdo estudado com a realidade do aluno é uma das principais características de um ensino cujo objetivo é o desenvolvimento da criticidade. Em se tratando do ensino de Geografia, essa orientação o faz ter uma compreensão maior dos fenômenos e processos que ocorrem nas mais diversas escalas espaciais. Um dos processos relevantes no que tange tanto a esfera local quanto a mundial é a Globalização.

O processo de Globalização perpassa diversas esferas da vida humana. A influência deste se faz presente de forma perceptível ou não no dia a dia dos indivíduos. Por esse motivo, uma boa compreensão sobre esse processo se faz necessária para que se possa entender como a sociedade em que se está inserido funciona, conseqüentemente auxiliando assim no preparo para o exercício da cidadania.

O presente trabalho surgiu das diversas experiências obtidas pela pesquisadora, no decorrer do seu processo de formação desde sua Educação básica, perpassando sua vivência na universidade, bem como suas aulas ministradas sobre a temática em questão. O interesse pelo assunto tratado neste

trabalho manifestou-se a princípio durante o ensino fundamental, quando sua professora de Geografia abordou o conteúdo utilizando uma perspectiva que aproximava o tema da realidade vivenciada pela comunidade, o que aparentemente tornou o tópico de fácil compreensão. Entretanto com o aprofundamento dos estudos sobre Globalização, nos anos subsequentes e na etapa da graduação, a percepção a respeito da temática foi alterada, pois compreendeu-se a complexidade das questões relativas ao assunto.

Sabendo a importância do assunto na Educação básica e reconhecendo a necessidade de se adotar uma perspectiva adequada, surge a problemática: como abordar o assunto “Globalização” nas aulas de Geografia na Educação básica a fim de auxiliar na construção de uma formação cidadã?

Este trabalho tem como principal objetivo: Compreender como o ensino de Geografia pode auxiliar no processo de construção da cidadania, a partir da análise do fenômeno da globalização e como objetivos específicos: Refletir sobre o ensino de Geografia no Brasil, considerando sua história e a influência da Geografia Crítica no atual cenário educacional; Analisar trechos dos documentos oficiais sobre a educação brasileira no que tange os aspectos das temáticas cidadania e Relacionar o processo de globalização a uma educação direcionada para o exercício da cidadania, trazendo aspectos da vida cotidiana dos alunos como oportunidades para análise.

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa exploratória, que segundo Gil (2002) possui o objetivo de proporcionar maior familiaridade com o problema, tornando-o mais explícito. Para tal, foram consultadas fontes primárias e secundárias. Para Lakatos (2001), fontes primárias são aquelas de primeira mão, advindas dos próprios órgãos que realizaram as observações. Já as secundárias, trata-se de publicações como livros, revistas ou imprensa escrita. Desta maneira, entre as fontes secundárias foram consultadas diferentes obras de autores da área de conhecimento das ciências humanas, com atenção especial à Ciência Geográfica, além de artigos científicos, teses, dissertações e livros. Entre as fontes primárias foram consultados documentos oficiais do Brasil.

Para a fundamentação teórica no que tange a história da Ciência Geográfica no Brasil e a influência da Geografia Crítica no ensino, o presente trabalho tem como base trabalhos de Silva (2012) e Gonçalves (2011). Com relação ao conceito de cidadania e a sua presença na educação, o debate será realizado a partir de

Cavalcanti (1993, 2008) e Fialho (2014). O debate acerca do fenômeno da Globalização tem como base trabalhos de Santos (1997, 2006), Campos e Canavezes (2007), Held e McGrew (2001) e Harvey (2000). Para relacionar o processo de Globalização a aspectos do cotidiano, foram utilizados trabalhos de autores como Andrade (2001), Harvey (1992), Mirlees (2013) e Delgado (2008).

O primeiro capítulo aborda o Ensino de Geografia no Brasil, iniciando com um apanhado histórico e posteriormente trazendo a influência da Geografia Moderna, principalmente a Geografia Crítica, na educação brasileira. No segundo capítulo é abordada a responsabilidade da Geografia na formação cidadã, analisando documentos que regulamentam a educação no Brasil, em seguida relacionando o tema cotidiano à cidadania. O terceiro capítulo trata a globalização e o ensino de Geografia, inicialmente discutindo a dificuldade de conceituar a temática, mais adiante é abordada a relação entre globalização e neoliberalismo e finalmente considera-se em que momentos do ensino fundamental o tema é apresentado e a importância da abordagem adotada pelo professor ao trabalhar esse assunto. O quarto e último capítulo traz exemplos de como o processo de globalização pode ser observado no cotidiano do aluno.

As discussões apresentadas no trabalho tiveram como produto um mapa mental, que ilustra de que formas o processo de globalização se relaciona com alguns aspectos da vida cotidiana. O recurso pedagógico mapa mental pode ser facilmente trazido para a sala de aula, além da apresentação do mapa, o último capítulo explica como ocorrem as relações nele contidas.

2 O ENSINO DE GEOGRAFIA NO BRASIL

Ao longo dos anos, a Geografia como matéria escolar passou por várias mudanças, resultantes das muitas reformas educacionais que ocorreram no Brasil. A maneira como essa disciplina foi enxergada sofreu alterações de acordo com os objetivos educacionais adotados pelos governos. Inicialmente, a Geografia foi introduzida como uma matéria puramente descritiva, e lentamente os aspectos sociais foram sendo incorporados.

A dicotomia física ou humana perdurou por muitos anos, sendo cada um desses aspectos estudados separadamente como diferentes categorias de análise. Recentemente, surgiram correntes que influenciaram no ensino desses fatores em conjunto, considerando a indissociabilidade destes no estudo da Ciência Geográfica. Além de analisar o espaço em conjunto com as ações humanas, essa nova visão atribui um olhar mais crítico e problematiza a realidade, fornecendo bases para que os alunos compartilhem desse entendimento.

Pode-se dizer que atualmente, no ensino de Geografia no Brasil, existe uma inclinação para uma visão mais crítica da disciplina, pelo menos nos documentos que regem o ensino fundamental. O ponto em que a disciplina se encontra atualmente é resultado do atual contexto político, movimento que pode ser observado desde que a disciplina foi inserida no currículo brasileiro.

2.1 HISTÓRIA DO ENSINO DE GEOGRAFIA NO BRASIL

De forma geral, a educação formal no Brasil teve seu início no século XVI com os Jesuítas, que atendiam aos interesses da Coroa. O objetivo desse ensino era voltado para a catequese e o ensino de leitura e escrita da língua portuguesa. De acordo com Zotti (2002), a proposta curricular contemplava a educação literária, filosófica e teológica nos níveis elementar, secundário e superior. Nesse contexto educacional, o ensino de Geografia não existia explicitamente e não possuía caráter disciplinar. De acordo com Silva (2012), não existiam necessidades históricas para o ensino dessa disciplina, considerando-se que o principal objetivo da educação jesuítica era formar cristãos.

Esse cenário só mudou em 1810 com a Academia Real Militar do Rio de Janeiro, quando os saberes geográficos foram introduzidos de forma autônoma

(SILVA, 2012). A instituição de ensino superior tinha um objetivo evidente: a formação de oficiais militares; e esperava-se que eles possuísem um conhecimento adequado do território brasileiro.

Alguns anos depois, com a tentativa de organizar o ensino elementar nas províncias, foi institucionalizada a lei de 15 de outubro de 1827, que estabeleceu um quadro curricular para o ensino primário. Em comparação ao currículo Jesuíta, o documento relega à Ciência Geográfica a mesma posição: circunstancial e implícita, determinando que:

Os Professores ensinarão a ler, escrever as quatro operações de arithmetica, pratica de quebrados, decimaes e proporções, as nações mais geraes de geometria pratica, a grammatica da lingua nacional, e os principios de moral chritã e da doutrina da religião catholica e apostolica romana, proporcionandos á comprehensão dos meninos; preferindo para as leituras a Cosntituição do Imperio e a Historia do Brazil. (BRASIL, 1827).

Apenas dez anos depois, com o decreto de 02 de dezembro de 1837, que converteu o Seminário de S. Joaquim no Colégio Pedro II, a Geografia passou a ser considerada um saber a ser ensinado. Silva (2012) aponta o colégio como importante no reconhecimento da Ciência Geográfica como componente curricular da Educação Básica, pois o art. 3º do documento declara:

Neste collegio serão ensinadas as linguas latina, grega, franceza e ingleza; rhetorica e os principios elementares de geographia, historia, philosophia, zoologia, mineralogia, botanica, chimica, physica, arithmetica, algebra, geometria e astronomia. (BRASIL, 1837)

Vale ressaltar que a Geografia era concebida como uma ciência descritiva, cujo foco era o estudo das paisagens naturais, inspirada por modelos europeus cujo objetivo era despertar o sentimento de nacionalismo entre os alunos. Esse quadro reflete como se deu o ensino de Geografia em parte do período imperial. A Geografia Escolar sofreu algumas mudanças depois disso, entretanto, a mais significativa só veio anos depois com a Reforma Benjamin Constant, que foi responsável pela seriação obrigatória no ensino brasileiro. Os conteúdos em si, não diferiam tanto dos abordados no Pedro II, mas houve uma mudança na organização, como aponta Silva (2012):

Em essência, os conteúdos prescritos são os mesmos de programas anteriores; e há permanências como a fragmentação de áreas, com recortes espaciais sendo estudados em sua abordagem física em um ano e a abordagem econômica e política em outro. (SILVA, p.236).

Benjamin Constant foi um dos intelectuais responsáveis pela propagação de ideias positivistas no Brasil. Por esse motivo a disciplina foi organizada no currículo tendo uma visão cientificista, em meio a um cenário no qual uma classe média ascendia, em conjunto com o crescimento das cidades (SILVA, 2012). Nos anos seguintes, algumas outras reformas surgiram após essa, mas nenhuma provocou grandes mudanças na maneira como a Geografia era ensinada, ou apresentada nos documentos oficiais. A ciência continuava essencialmente descritiva e os conteúdos praticamente inalterados, o que mudava era apenas a reorganização de acordo com as séries.

Após o fim da Primeira República, ocorreu a reforma Francisco Campos, na qual a Geografia passou a ser ensinada em todas as séries do ensino secundário. Nesse momento, a Geografia Humana passa a ter mais força no ensino, e o Brasil passa a ser estudado por regiões, a fim de fortalecer o sentimento de patriotismo e nacionalismo. Vale ressaltar que mesmo tendo sua presença fortalecida, a Geografia Humana ainda era tratada como um conhecimento isolado da Geografia Física, e essa separação permaneceu pelo menos até a segunda metade do século XX.

2.2 Influência da Geografia Crítica no Ensino de Geografia no Brasil

Na segunda metade do século XX, a Geografia Tradicional perdeu força, e outras correntes do pensamento geográfico surgiram. Essas correntes compõem o que é conhecido como Geografia Moderna. A Geografia Escolar deixou de ser vista apenas como uma disciplina que se propõe a descrever as paisagens naturais, e passa a abordar com mais profundidade os aspectos sociais inerentes aos aspectos locais. O objeto de estudo da Ciência Geográfica sempre foi o espaço. Entretanto, o modo como a literatura das últimas décadas compreende a ideia de espaço é divergente da maneira em que outrora foi representada. De acordo com Milton Santos (1988):

“O espaço deve ser considerado com um conjunto indissociável de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, seja a sociedade em movimento.” (p. 10)

Santos (1988) não é o único a abordar o espaço como um conjunto. Outros autores defendem a ideia de que o espaço deve ser analisado como um todo, considerando o aspecto social, histórico, natural, local e global. Para Azambuja

(2009), outras ciências trabalham com questões da natureza e da sociedade específicas, como a história, a sociologia, a geologia, a química, entre outras; cabendo à Geografia estudá-las em conjunto. De acordo com o autor:

É preciso elaborar a explicação da paisagem e compreender o movimento nela contido, o passado e o presente local, regional, nacional e mundial; compreender a natureza em si e a natureza socializada; enfim, compreender a totalidade da organização socioespacial, ou seja, o espaço geográfico. (AZAMBUJA, 2010, p. 13-14)

Esta ideia de que o espaço pode ser compreendido por meio da sua organização social é também propagada pela corrente de pensamento conhecida como “Geografia Crítica ou Radical”, que possui diversos teóricos e perspectivas, e de acordo com Gonçalves (2011), propõe uma educação para a cidadania através da análise reflexiva.

A Geografia Crítica é posterior à Pragmática, e ambas surgiram como contraponto à Geografia Tradicional. Enquanto a Geografia Pragmática possui caráter quantitativo e sistêmico, a Geografia Crítica é de cunho qualitativo e social. Apesar do ensino formal da disciplina ainda possuir algumas características do modelo tradicional, há uma tendência ao ensino numa concepção crítica. Ao consultar a Base Nacional Comum Curricular referente ao ensino de Geografia no ensino fundamental, percebe-se uma semelhança ao que é proposto pela Geografia Crítica. Ao abordar os objetivos do ensino da disciplina, o documento declara que:

Ao mesmo tempo, a educação geográfica contribui para a formação do conceito de identidade, expresso de diferentes formas: na compreensão perceptiva da paisagem, que ganha significado à medida que, ao observá-la, nota-se a vivência dos indivíduos e da coletividade; nas relações com os lugares vividos; nos costumes que resgatam a nossa memória social; na identidade cultural; e na consciência de que somos sujeitos da história, distintos uns dos outros e, por isso, convictos das nossas diferenças. (BRASIL, 2018, p. 359)

Ao mencionar conceitos como identidade, coletividade e vivência, fica implícito que o ensino proposto é mais próximo do que se entende por Geografia Crítica, tendo em vista que numa abordagem puramente tradicional, essas categorias não seriam levadas em consideração. Numa perspectiva crítica é importante que o aluno entenda essas concepções, pois são necessárias para que se desenvolva a noção de solidariedade e conseqüentemente, possa ocorrer uma

transformação social, que é um dos principais objetivos da Geografia Crítica. Consta no mesmo documento que:

No Ensino Fundamental – Anos Finais, espera-se que os alunos compreendam os processos que resultaram na desigualdade social, assumindo a responsabilidade de transformação da atual realidade, fundamentando suas ações em princípios democráticos, solidários e de justiça. (BRASIL, 2018, p. 364)

A Geografia Crítica relaciona espaço e sociedade, analisando as conexões e evidenciando as contradições nele presentes, e desta forma, auxilia na compreensão de aspectos políticos necessários para a formação cidadã do aluno. Pode-se dizer que atualmente o ensino crítico da Ciência Geográfica se faz cada vez mais necessário, sendo um dos papéis do professor abordar os conteúdos e propor atividades sob essa orientação.

3 O PAPEL DA GEOGRAFIA NA FORMAÇÃO DA CIDADANIA

A Geografia Crítica forneceu bases teórico-metodológicas que orientaram os professores na construção de um ensino de Geografia pautado na criticidade e transformação social. A crença de que um dos papéis da Geografia é o desenvolvimento do senso crítico no aluno está ligada à noção de que é necessário compreender a sociedade em que se vive; que por sua vez, é condição para que o exercício da cidadania ocorra de maneira integral.

Os documentos oficiais que regulamentam a educação no Brasil, especialmente os referentes ao ensino fundamental, dão ênfase à formação cidadã, demonstrando interesse em preparar o aluno para o pleno exercício da cidadania. Sendo assim, pode-se afirmar que uma das responsabilidades do Ensino de Geografia é auxiliar nesse processo. Cabendo ao educador criar oportunidades que possibilitem ao educando um conhecimento acerca dos diversos fenômenos que perpassam a vida em sociedade, e consequentemente impactam sua própria realidade. O ensino crítico da Geografia possibilita a leitura e análise do espaço geográfico em que o aluno está inserido, a fim de que se entenda as contradições presentes neste, colocando em foco os problemas vivenciados por ele (FARIAS, 2021).

3.1 Cidadania no Contexto Escolar

Quando se analisa documentos oficiais da educação no Brasil, como a Base Nacional Comum Curricular (2018) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996), pode-se observar que a palavra “cidadania” é mencionada diversas vezes, o que demonstra determinado interesse por parte das pessoas que elaboram esses documentos nesta dimensão da formação do indivíduo.

Em termos gerais, entende-se por cidadania a condição de quem possui direitos que lhe garantem participação na vida política da cidade. O desenvolvimento da cidadania inicia-se desde o momento em que o sujeito torna-se parte de um convívio social - geralmente a família. E posteriormente, ao ingressar no ensino formal e outros núcleos sociais, a consciência de seus direitos e deveres pode tornar-se mais evidente. Garantir que o indivíduo possua esse conhecimento é um

dos principais objetivos da educação, como consta no art. 2º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação:

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (Brasil, 1996)

O documento supracitado se refere a todas as etapas da educação brasileira, desde o ensino infantil ao superior. O que indica que, no contexto educacional do Brasil, a formação da cidadania é tida como um processo contínuo. Todas as disciplinas do currículo escolar devem fornecer bases para que a formação cidadã ocorra plenamente. Desta forma, o ensino de Geografia também contribui para esse processo. De acordo com Cavalcanti (2008), a contribuição da Ciência Geográfica na formação da cidadania se dá:

(...) por meio da prática de construção e reconstrução de conhecimentos, habilidades, valores que ampliam a capacidade de crianças e jovens compreenderem o mundo em que vivem e atuam, numa escola organizada como um espaço aberto e vivo de culturas. (p. 81).

Para que a cidadania possa ser exercida, é preciso que o sujeito compreenda a sociedade em que está inserido, e os principais aspectos relacionados a esta. Além disso, a educação deve ter como objetivo a transformação social, para que haja superação das desigualdades (FARIAS, 2021). Dessa forma, ele pode se posicionar corretamente nas diversas situações, e usufruir de seus direitos de maneira consciente.

Sendo assim, o papel da escola e dos professores de Geografia consiste em criar condições por meio de atividades e práticas que auxiliem os alunos a compreenderem o mundo em que estão inseridos tendo como ponto de partida o que os mesmos podem observar em sua própria realidade, em suas experiências cotidianas.

Todos os dias os alunos realizam diversas atividades como comer, se vestir, utilizar mídias digitais, etc. Essas atividades diárias são muitas vezes realizadas de forma espontânea, sem que reflita sobre aquilo. Sendo um dos papéis da educação cidadã uma maior compreensão da sociedade em que o aluno está inserido, é

possível que o cotidiano deste seja considerado um ponto de partida para discussões.

3.2 Cidadania, Ensino e Cotidiano

No contexto educacional brasileiro, a importância das vivências individuais de cada aluno é evidenciada desde o início de sua educação formal. O artigo 29 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação dispõe que: “A educação infantil (...) tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos (...) complementando a ação da família e da comunidade.” (BRASIL, 1996). Neste sentido, a sua vivência externa à sala de aula desempenha uma parte importante na sua formação, tendo a educação formal nesta etapa do ensino um papel auxiliar.

Quando as crianças ingressam na escola regular, elas trazem consigo suas próprias experiências formadas nos diferentes convívios em que estão inseridas. A Base Nacional Comum Curricular para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, declara que:

No Ensino Fundamental – Anos Iniciais, busca-se ampliar as experiências com o espaço e o tempo vivenciadas pelas crianças em jogos e brincadeiras na Educação Infantil, por meio do aprofundamento de seu conhecimento sobre si mesmas e de sua comunidade, valorizando-se os contextos mais próximos da vida cotidiana. Espera-se que as crianças percebam e compreendam a dinâmica de suas relações sociais e étnico-raciais, identificando-se com a sua comunidade e respeitando os diferentes contextos socioculturais. (BRASIL, p. 362, 2018).

Ao analisar termos utilizados, como “ampliar as experiências” e “aprofundamento de seu conhecimento”, é possível concluir que o documento considera que as crianças trazem consigo um conhecimento prévio e que este deve ser reconhecido pela educação formal, reforçando assim a relevância da vida cotidiana para o ensino.

O mesmo documento possui uma unidade temática denominada “O sujeito e seu lugar no mundo”, que consiste na compreensão das noções de identidade. O objetivo é que as crianças conheçam a si próprias e suas relações, para que posteriormente compreendam a posição que ocupam no mundo que vivem. O documento orienta que:

(...) o estudo da Geografia constitui-se em uma busca do lugar de cada indivíduo no mundo, valorizando a sua individualidade e, ao mesmo tempo, situando-o em uma categoria mais ampla de sujeito social: a de cidadão ativo, democrático e solidário. Enfim, cidadãos produtos de sociedades localizadas em determinado tempo e espaço, mas também produtores dessas mesmas sociedades, com sua cultura e suas normas. (BRASIL, p. 362, 2018)

O foco na cidadania não é exclusividade da unidade temática referenciada acima, mas perpassa todo o documento, como pode ser observado a seguir:

Em todas essas unidades, destacam-se aspectos relacionados ao exercício da cidadania e à aplicação de conhecimentos da Geografia diante de situações e problemas da vida cotidiana, tais como: estabelecer regras de convivência na escola e na comunidade; discutir propostas de ampliação de espaços públicos; e propor ações de intervenção na realidade, tudo visando à melhoria da coletividade e do bem comum. (BRASIL, p. 364, 2018)

Desta forma, a cidadania é aplicada e observada em situações da vida cotidiana. Por esse motivo, é necessário que as temáticas que permeiam a rotina da comunidade escolar sejam abordadas em sala de aula. Considerar o aluno como sujeito ativo da sua aprendizagem, trazendo suas colocações e motivações para o ambiente escolar facilita o processo ensino-aprendizagem à medida em que o aluno consegue visualizar no seu dia a dia o assunto estudado, tende a criar conexões do conteúdo científico com sua realidade.

Ensinar Geografia, contudo, suscita do professor a capacidade investigativa para conhecer os saberes prévios dos alunos de maneira particularizada, e, desde a identificação do que já restou elaborado, promover a problematização contextualizada, instigando a curiosidade e os respectivos anseios dos estudantes pela busca do conhecimento. (FIALHO et. al, 2014, p. 211)

Esse é um dos grandes desafios da educação brasileira: vincular os conteúdos abordados em sala de aula à vivência dos alunos. Temas como a Globalização, que é um processo que permeia grande parte da vida dos indivíduos de forma geral, poderiam ser abordados de maneira a aproximar o conhecimento teórico ao que pode ser observado no dia a dia.

De início, este não é um processo fácil, tendo em vista que, por estar tão intrínseco nas vidas das pessoas, muitas coisas referentes à globalização acabam sendo naturalizadas, e conseqüentemente se tornam mais difíceis de serem observadas sob um olhar mais crítico. Como exemplo disso, pode-se citar que boa parte da cultura de massa consumida por uma parcela majoritária da população

brasileira é produzida externamente e isso não é analisado de forma crítica pela maioria das pessoas que consomem. Os efeitos da globalização se espalham por todo o Brasil, até mesmo em lugares descentralizados, mas não são todos que possuem noção acerca da existência desse processo, por falta de conhecimento ou criticidade, o que resulta em alienação. A forma de superar esse movimento, é o que Fialho (2014) coloca como a superação da percepção espacial. De acordo com a autora:

Quando o aluno ultrapassa a percepção do espaço vivido e concebido concretamente e logra desenvolver a capacidade de perceber também o não experimentado, realizando abstrações, da maneira reflexiva, torna-se possível a alfabetização espacial, que se efetiva com a tomada de consciência do espaço geográfico de maneira crítica. (FIALHO et. al, 2014, p. 217)

A formação cidadã adequada, em conjunto com o ensino de Geografia sob a perspectiva crítica, proporciona ao aluno um olhar mais subjetivo sobre o espaço em que ele vive e as diferentes relações sociais que nele são estabelecidas. Dessa forma, ela auxilia na conscientização acerca das contradições socioespaciais.

4 GLOBALIZAÇÃO E ENSINO DE GEOGRAFIA

Sabendo que o ensino de Geografia possui um papel fundamental na formação cidadã, faz-se necessária uma reflexão acerca dos temas e conteúdos dessa disciplina, e a maneira como estes podem ser abordados a fim de promover uma educação para a cidadania. Um desses conteúdos é o fenômeno da Globalização, estudado de forma mais específica nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio dentro do currículo da Geografia no Brasil.

O processo de Globalização afeta o cotidiano dos alunos e a sociedade nas mais diversas escalas. Está presente em variados âmbitos de suas vidas, mesmo que muitos não tenham consciência disso. Apesar de ser tão presente, conceitualizar esse fenômeno não é uma tarefa fácil. Mesmo no meio acadêmico, contexto em que o tema vem sendo muito debatido desde a segunda metade do século passado, há uma certa dificuldade em encontrar uma única definição para este. Isso se dá pelo fato de se tratar de um tema complexo, que envolve diversas áreas do conhecimento e da vida em sociedade.

A abordagem desse tema em salas de aula do ensino básico não é uma tarefa fácil, pois além de trazer uma concepção apropriada para esse processo, o professor precisa apresentar as problemáticas deste, além de buscar exemplos de seu efeito no cotidiano dos alunos, por meio de exemplos que os mesmos possam observar em suas vivências diárias.

4.1 Conceitualizando Globalização

O termo “Globalização” foi amplamente divulgado na segunda metade do século XX, sendo principalmente vinculado ao mercado financeiro. Posteriormente, diversos autores se propuseram a escrever sobre o assunto, adotando diferentes perspectivas. Mesmo sendo um objeto de estudo recorrente, conceitualizar esse processo não é uma tarefa fácil. Como afirmam Campos e Canavezes (2007) “(...) a noção de globalização nem sempre é clara, prestando-se a usos e sentidos muito diversos.” (2007, p. 9)

De forma geral, globalização é entendida como um processo que integra o espaço geográfico em proporções globais nos mais diversos âmbitos. De acordo com Held e McGrew (2001), a ideia de que a modernidade está caminhando para a

integração das sociedades tem sua origem desde o século XIX. Entretanto, apenas entre as décadas de 60 e 70, o termo “Globalização” passou a ser utilizado efetivamente em decorrência do aumento significativo da velocidade nos fluxos de informações e tecnologias.

Algumas das características deste fenômeno remetem a um período anterior ao século XX: o início das grandes navegações, quando as relações entre diversos lugares do planeta tornaram-se mais viáveis. Santos (1988) é um dos autores que reconhece a Globalização como um processo que vem sendo estabelecido desde o início da modernidade:

“Decerto, o que estamos vivendo agora foi longamente preparado, e o processo de internacionalização não data de hoje. O projeto de mundializar as relações econômicas, sociais e políticas começa com a extensão das fronteiras do comércio no princípio do século XVI avança por saltos através dos séculos de expansão capitalista para finalmente ganhar corpo no momento em que uma nova revolução científica e técnica se impõe [...]” (SANTOS, 1988, p. 5).

Sendo assim, o propósito da Globalização não é recente, datando de um período muito anterior ao século XXI. Porém, a forma que ela é vivenciada e conceitualizada na atualidade não é a mesma do século XVI, já que este fenômeno teve sua evolução através do tempo e do espaço nos períodos subsequentes, com o auxílio do desenvolvimento técnico e científico.

Held e McGrew (2001) apresentam uma noção de Globalização, na qual o processo “refere-se a uma mudança ou transformação na escala da organização social que liga comunidades distantes e amplia o alcance das relações de poder nas grandes regiões e continentes do mundo.” (p. 13). Essa visão converge com o que outros autores escreveram sobre o tema, no sentido de atribuir esse processo a atividades interconectadas, aproximação ou queda de fronteiras.

Harvey (2000) relaciona o processo de globalização ao sistema capitalista, e destaca a importância do primeiro para a dinâmica do segundo. Mas apesar da Globalização ser comumente relacionada a aspectos econômicos, é possível associá-la a outros fatores como meios de transporte, cultura, saúde, educação e meio-ambiente; e todos esses aspectos estão intrinsecamente ligados às temáticas de cidadania e cotidiano, tendo em vista que podem ser percebidos e vivenciados como questões que influenciam a vida em comunidade e estão no centro das discussões acerca da garantia de direitos civis, políticos e sociais.

4.2 Globalização e Modo de Produção Capitalista

A noção de uma transformação das sociedades e aproximação das culturas mundiais sugere uma única sociedade global que vive em harmonia, o que pode ser interpretado como positivo. Entretanto, quando nos deparamos com o ponto em que se encontra a sociedade atual, é possível chegar à conclusão de que essa concepção de globalização é idealista.

Santos (2006) trata esse aspecto idealizado ao apresentar a ideia de “Globalização como fábula”, se referindo à maneira como o mercado internacional faz as pessoas enxergarem o mundo, criando a noção de que as fronteiras têm se tornado inexistentes, devido à facilidade de obtenção de informação com maior velocidade e a possibilidade de se locomover rapidamente pelo globo. Fazendo-se crer que o mundo está “ao alcance das mãos de todos”, quando na realidade apenas parte da população pode usufruir plenamente desses benefícios. Mesmo reconhecendo que a globalização é na realidade perversa, o autor demonstrou esperança para uma nova forma de globalização, o que ele considera “uma nova história”:

“Trata-se da existência de uma verdadeira sociodiversidade, historicamente muito mais significativa que a própria biodiversidade. Junte-se a esses fatos a emergência de uma cultura popular que se serve dos meios técnicos antes exclusivos da cultura de massas, permitindo-lhe exercer sobre esta última uma verdadeira revanche ou vingança.” (SANTOS, 2000, p. 10-11)

Ao discorrer sobre uma terceira forma de globalização, o autor menciona a possibilidade de uma nova configuração de globalização diferente da que estava (e ainda está) sendo vivenciada: a segunda forma de encarar o mundo, a Globalização como perversidade, relacionando-a ao crescimento de diversos problemas como desemprego, pobreza, fome, doenças, entre outros. De acordo com Santos (2000):

A perversidade sistêmica que está na raiz dessa evolução negativa da humanidade tem relação com a adesão desenfreada aos comportamentos competitivos que atualmente caracterizam as ações hegemônicas. Todas essas mazelas são direta ou indiretamente imputáveis ao presente processo de globalização. (SANTOS, 2006, p. 10).

Esse estímulo à competição está relacionado ao surgimento de novos ramos que trouxeram consigo novos agentes, entre os principais algumas das grandes

organizações multinacionais. Estas, por sua vez, facilitaram a ascensão do neoliberalismo, com todas as suas características, demandas e consequências. Um dos objetivos do projeto neoliberal é a expansão das empresas estrangeiras para diversas partes do planeta, e por esse motivo a globalização não apenas é uma consequência do capitalismo, mas é essencial para a manutenção deste. De acordo com Harvey (2000, p. 20): “Sem as possibilidades inerentes à expansão geográfica, reorganização espacial e desenvolvimento geográfico desnivelado, o capitalismo há muito tempo teria deixado de funcionar como um sistema político-econômico.”¹

Numa sociedade de lógica capitalista inserida num contexto neoliberal, onde a competição é estimulada, noções de cidadania, identidade e coletividade acabam sendo por muitas vezes ignoradas, resultando na desarticulação do indivíduo, que por sua vez, é uma das consequências da globalização “perversa”. Segundo Santos (2006):

“Consumismo e competitividade levam ao emagrecimento moral e intelectual da pessoa, à redução da personalidade e da visão do mundo, convidando, também, a esquecer a oposição fundamental entre a figura do consumidor e a figura do cidadão.” (2006, p. 10)

De acordo com o autor, essa oposição não é tão notada no Brasil, pois a figura do cidadão nunca existiu no país. Santos (2006) afirma que as classes mais abastadas buscam privilégios, e não direitos; enquanto as classes mais pobres não conseguem usufruir plenamente dos direitos que possuem. Nesse contexto, a Geografia Escolar assume um papel de combate a esse movimento. Noções básicas de vida em comunidade e cidadania podem ser resgatadas por meio do ensino crítico da Geografia.

4.3 Globalização no Ensino de Geografia

A compreensão do fenômeno da globalização deve ser considerada um dos objetivos gerais do ensino básico. Tendo a Geografia uma responsabilidade particular no cumprimento deste objetivo, considerando que a Ciência Geográfica lida diretamente com diversas questões socioespaciais. Segundo Cavalcanti (1993):

¹ Tradução nossa. Original: Without the possibilities inherent in geographical expansion, spatial reorganization, and uneven geographical development, capitalism would long ago have ceased to function as a political-economical system.

“(...) vivenciamos um fenômeno de globalização da sociedade, que se expressa no desenvolvimento de um processo de integração e interdependência entre os povos dos diversos países. Em se tratando do ensino de Geografia, é bastante pertinente a reflexão sobre este fenômeno no ensino básico, na medida em que a categoria da totalidade ganha, com ele, maior concretude na análise do espaço geográfico.” (p. 66-67)

No primeiro parágrafo da Base Nacional Comum Curricular de Geografia para o ensino fundamental (BRASIL, 2018) consta que o estudo da disciplina auxilia na compreensão do mundo em que vivemos, e no mesmo parágrafo o documento fala sobre formação de identidade baseando-se na interação entre indivíduo e espaço. Levando isso em consideração, pode-se dizer que Globalização é um dos assuntos mais importantes para a disciplina, considerando que o processo interfere nas estruturas políticas e econômicas mundiais. Consequentemente, saber sobre o tópico auxilia na compreensão do mundo em que os alunos vivem; ao mesmo tempo, o processo de Globalização influencia aspectos como entretenimento, moda e alimentação, que estão presentes na vida cotidiana dos alunos, e refletem na interação deles com o espaço.

Mesmo sendo um assunto abrangente que perpassa diversos outros, nos anos iniciais do ensino fundamental, os alunos ainda não entram em contato com o termo “Globalização”. Ao invés disso, analisam aspectos que compõem o cotidiano, como regras de convívio, tipos de moradia e objetos, recursos naturais, meios de transporte, entre outros. Todos esses assuntos estão vinculados ao processo de Globalização, entretanto, nessa etapa do ensino fundamental, eles são estudados numa perspectiva local.

O assunto “Globalização” só é estudado nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio. O termo aparece pela primeira vez na BNCC entre os objetos de conhecimento do 9º ano, dentro da unidade temática “Conexões e escalas”. “(...) no 9º ano, é dada atenção para a constituição da nova (des)ordem mundial e a emergência da globalização/mundialização, assim como suas consequências.” (Brasil, 2018, p. 383).

Vale destacar que a presença do tema em documentos oficiais ou mesmo no livro didático não garante que o mesmo seja tratado de forma crítica buscando desenvolver a cidadania no aluno. Por esse motivo a abordagem adotada pelo professor é importante nesse processo. O educador deve tomar como ponto de

partida o cotidiano dos alunos, além de coisas que o mesmo pode observar em seu local de convívio. Partindo do local para que se compreenda o global. Ao pensar sobre o lugar em que o aluno vivencia suas relações sociais, o Ensino de Geografia aproxima o conteúdo abordado do que está fora da sala de aula. Cavalcanti (2008) afirma que:

“O exercício da cidadania na sociedade atual, por sua vez, requer uma concepção, uma experiência, uma prática - comportamentos, hábitos, ações concretas - de cidade. A vida nas cidades é cada vez mais um fato mundial, pois, a partir do século XIX, toda a sociedade passa a ser organizada em função do espaço urbano. Sendo assim, a cidade torna-se tema importante a ser trabalhado na escola fundamental num projeto de formação da cidadania.” (CAVALCANTI, p. 81)

Para compreender a dinâmica cotidiana é indispensável a reflexão acerca do lugar de vivência dos indivíduos, trazer a consciência do papel de agente transformador do meio, e não apenas de um alvo das mudanças que nele ocorrem. O professor e o aluno precisam ter a capacidade de auxiliar a comunidade em que estão inseridos através da elaboração de questões, e da possibilidade de intervir nas problemáticas encontradas. Considerar a realidade imediata possibilita também conectá-la ao mundo nas mais variadas escalas, ressignificar acontecimentos corriqueiros, desnaturalizar os fenômenos sociais e permitir que se estabeleçam pontos de referência. De acordo com Paulo Freire (1967, p. 43):

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura. E é ainda o jogo destas relações do homem com o mundo e do homem com os homens, desafiado e respondendo ao desafio, alterando, criando, que não permite a imobilidade, a não ser em termos de relativa preponderância, nem das sociedades nem das culturas.

Os diversos efeitos da Globalização estão presentes em vários contextos da vida cotidiana dos alunos, desde conteúdos midiáticos que eles consomem por meio das muitas telas para as quais eles olham todos os dias, aos itens de vestimenta ou bens de consumo que suas famílias possuem em casa. O aluno precisa ser capaz de questionar e compreender como e por que tudo isso chega até ele. É no contexto de procurar entender como as ações cotidianas se relacionam com o tema Globalização que se torna possível a construção de uma aprendizagem significativa.

5 GLOBALIZAÇÃO E COTIDIANO

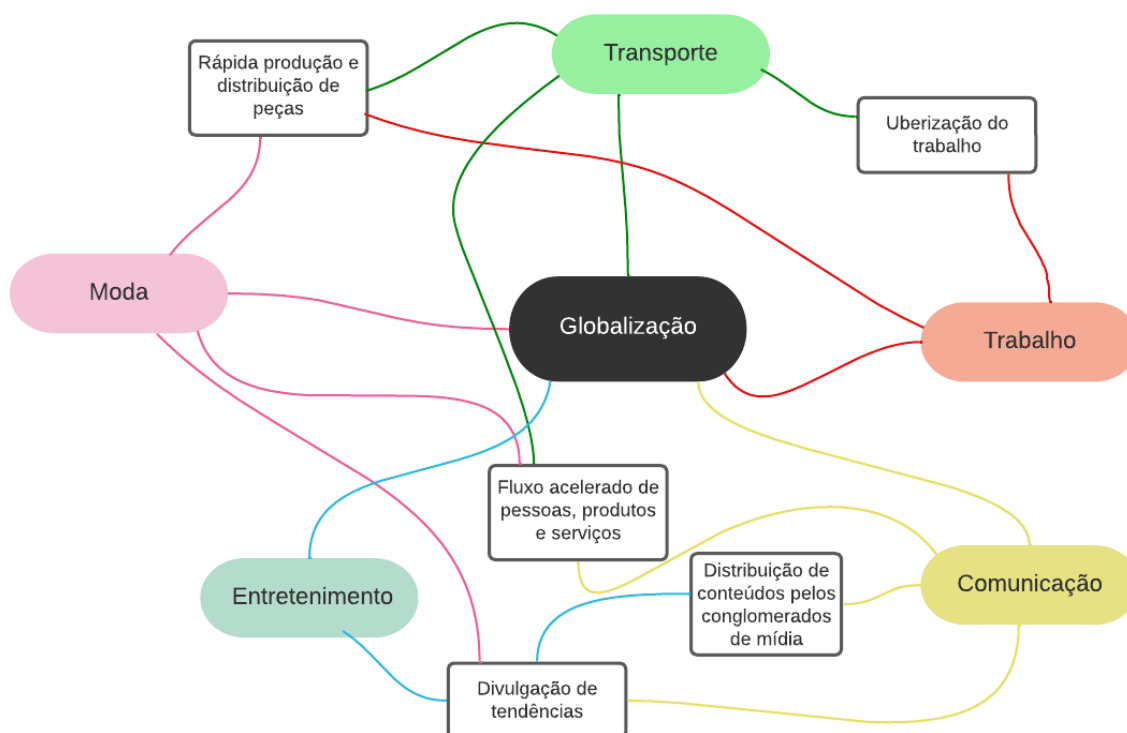
Partindo do pressuposto que a educação cidadã deve levar em consideração experiências vivenciadas pelos alunos, e que é função da Geografia Crítica abordar as contradições presentes no espaço geográfico, o professor deve pensar em formas de trazer e discutir exemplos práticos de elementos que possam ser observados no cotidiano do aluno, relacionando-os com o conteúdo abordado.

Sabendo que a Globalização está relacionada a diferentes aspectos da vida em sociedade, pode-se dizer que existem diversas maneiras pela qual o professor consegue relacionar esse processo ao cotidiano dos alunos. Situações da vida cotidiana mostram como trabalho, transporte, comunicação, entretenimento, moda, entre outros aspectos, exercem influência diariamente em diferentes graus na vida dos alunos. Para desenvolver essa ideia, é possível utilizar-se de diferentes recursos didáticos.

A construção de mapas conceituais é um exemplo de metodologia que auxilia o aluno a relacionar o processo de Globalização com situações que afetam a vida cotidiana. De acordo com Coelho et al. (2020, p. 93), o mapa conceitual “busca, através da construção coletiva, organizar ideias que se conectam a partir de um tema central, assim, é possível sintetizar vários conceitos que se interagem”.

Existem inúmeras plataformas pelas quais o professor consegue montar mapas conceituais de diferentes tipos, como o exemplificado abaixo (figura 1). Esse instrumento pode servir como forma de avaliar os conhecimentos prévios dos alunos e promover discussões nas quais eles possam trazer suas próprias ideias, além de facilitar a visualização do conteúdo e como as diferentes temáticas se relacionam entre si.

Figura 1 – Mapa Conceitual sobre globalização e aspectos que exercem influência no cotidiano



Fonte: A autora por meio da plataforma *lucidspark* (2022).

Para a construção do quadro presente neste trabalho, foram selecionadas algumas das categorias sob a qual a Globalização exerce influência, e que por sua vez afetam o dia a dia dos alunos. É importante ressaltar que existem outros aspectos que poderiam ser incluídos nessa figura, além de diversas outras possibilidades de conexão entre as categorias escolhidas. Entretanto, essas cinco categorias foram selecionadas para exemplificar uma forma pela qual o professor pode desenvolver esse conteúdo em sala. É possível trazer uma figura pronta, e apenas discutir os aspectos elencados nesta, ou construir outra figura juntamente com os alunos, na qual outros aspectos possam surgir.

Este capítulo propõe explicar como as categorias escolhidas podem ser relacionadas com o processo de globalização, além de analisar como estas podem se relacionar com o cotidiano dos alunos. Por meio de uma abordagem crítica do ensino, o professor pode tomar esses aspectos como ponto de partida para uma discussão acerca de como as diferentes atividades do dia a dia estão relacionadas a uma cadeia que envolve pessoas e empresas de todo o mundo.

5.1 Globalização, Transporte e Trabalho

Globalização e meios de transporte são temas que estão interligados. A história do processo de integração das diversas partes do mundo está relacionada ao desenvolvimento e expansão dos meios de transporte. Pode-se dizer que um grande marco do processo de globalização foi o início do período das grandes navegações. De acordo com Manuel Correia de Andrade:

O desenvolvimento das técnicas de navegação e a criação de barcos mais velozes e seguros, além da existência de capitais, estimularam a abertura da Europa ao mundo não europeu. Unida ao desenvolvimento tecnológico, a acumulação de capitais, feita, sobretudo, nas cidades italianas e do mar do Norte, e as divulgações de velhas crenças, serviram de base ao incentivo às navegações. (ANDRADE, 2001, p. 2)

Com o aprimoramento dos procedimentos náuticos, houve uma maior conexão entre diferentes partes do mundo. Se tornou possível que as pessoas se deslocassem de um lugar para outro com maior facilidade. Além disso, os serviços e bens de consumo puderam ser exportados com mais comodidade. Nos tempos atuais, este fluxo encontra-se mais acelerado, sendo possível adquirir um produto do outro lado do planeta e fazer com que o mesmo chegue em sua casa em questão de semanas. Com o auxílio de novos meios de transporte, o encurtamento de distâncias possibilitou a diminuição do tempo na realização de diversas tarefas.

Os avanços tecnológicos nas áreas de comunicação e transportes trouxeram consigo também diversas possibilidades de trabalho. Na última década o termo “uberização do trabalho” tornou-se uma referência quando se fala de precarização dos serviços. Conceito derivado do nome da empresa de transporte estadunidense “Uber” devido ao seu modelo de organização de trabalho, que se utiliza primariamente dos meios de comunicação e transporte, bem como da força de trabalho do prestador de serviços.

Segundo Franco e Ferraz (2019), nesse modelo, os trabalhadores não possuem vínculo empregatício e trabalham como profissionais autônomos, assumindo riscos para oferecer o serviço prestado, além de serem detentores da quase totalidade dos meios de produção utilizados. Empresas transnacionais como a Uber se utilizam de um discurso que promete autonomia ao prestador de serviços, conseguindo captar mão de obra com facilidade, além de encontrarem aporte numa

legislação trabalhista local flexível. Esses fatores permitem que essas empresas descentralizem suas atividades globalmente e se façam cada vez mais presentes no cotidiano das pessoas.

A empresa supracitada é do ramo de transportes, mas essa não é a única categoria que se beneficia das condições locais para se expandir globalmente. Além de mão de obra barata e legislação trabalhista flexível, a maioria das empresas transnacionais utilizam de condições oferecidas em diversos países e regiões, como baixos impostos, proximidade dos mercados consumidores, matéria-prima mais barata e disponível, entre outros (SANTOS e JAKOBSEN, 2020).

Transporte e trabalho são dois aspectos presentes no cotidiano do aluno. Ao analisar criticamente a necessidade de locomoção no espaço para a realização das atividades do dia a dia, torna-se possível que o aluno perceba a existência de uma rede que envolve tanto a pessoa que se utiliza do serviço quanto outra que presta esse determinado serviço. É provável que o aluno encontre exemplos de ambos os casos em seu meio familiar ou entre pessoas próximas.

5.2 Globalização e Comunicação

O fluxo acelerado de pessoas, produtos e serviços é um fator importante para a expansão da globalização, que também encontra auxílio no fluxo de informação, por meio do constante desenvolvimento dos processos de comunicação. De acordo com Harvey (1992, p. 257): “Sistemas aperfeiçoados de comunicação e de fluxo de informações, associados com racionalizações nas técnicas de distribuição possibilitaram a circulação de mercadorias no mercado a uma velocidade maior.”

Além da rápida circulação de mercadorias, o contexto atual permite a acelerada difusão de informações, possibilitando que as pessoas consigam se comunicar de diversas partes do mundo a qualquer momento e que as notícias se espalhem no instante em que ocorrem. Por outro lado, este constante fluxo de informações também viabiliza a rápida propagação de notícias falsas, que na cultura popular são referidas como “*fake news*”.

Este fenômeno tem como objetivo a divulgação de informações falsas sobre as mais diversas temáticas, geralmente com o intuito de influenciar a opinião da população de forma sensacionalista, gerando revolta e aversão entre as pessoas que recebem este conteúdo. Mesmo com a existência de agências ou organizações

de verificação de conteúdo, o efeito causado pela difusão de notícias falsas não se esvai. Visto que, a grande quantidade de informações ou desinformações recebidas pelo usuário não permite que o mesmo reflita por muito tempo sobre os assuntos.

Atualmente, as discussões acerca das notícias falsas são frequentes, sendo elas um exemplo de fenômeno que se tornou possível devido à expansão da globalização, e que o aluno pode observar em seu cotidiano, principalmente porque estão inseridos numa geração cada vez mais familiarizada com diversas tecnologias e meios de comunicação.

Os alunos da educação básica estão incluídos nessa rede de informações e diariamente recebem conteúdos das mais diversas fontes, contribuindo assim para o saber que eles trazem para o ambiente escolar. É papel do professor, em especial no ensino da Geografia, analisar em conjunto com os alunos a veracidade dessas informações prévias, verificando se estão alinhadas com os saberes científicos, e dessa forma, promovendo a formação cidadã do indivíduo.

5.3 Globalização e Mídia de Entretenimento

Como já foi dito anteriormente, o neoliberalismo possui em seu cerne o objetivo de expandir empresas estrangeiras para diversos territórios do mundo. E para isso, essa doutrina dispõe de variadas ferramentas. Dentre as quais está a mídia de entretenimento, que MIRLEES (2013, p.13) define como “meios de comunicação e mercadorias produzidas, distribuídas, comercializadas, exibidas e consumidas em diferentes países, e que pretendem proporcionar diversão aos espectadores e lucro aos conglomerados de mídia”.²

De acordo com o mesmo autor, todos os dias, pessoas estão ocupadas consumindo conteúdos produzidos dentro e fora dos países em que vivem, e esse fenômeno permite que séries e filmes cruzem fronteiras. Mirlees (2013) ainda menciona como as corporações midiáticas criam “necessidades”, influenciando assim o que as pessoas consomem. Um exemplo disso é a existência de universos cinematográficos compartilhados, nos quais ao assistir um dos filmes, o espectador

² Tradução nossa. Original: media commodities produced, distributed, marketed, exhibited, and consumed in many different countries, and which intend to provide viewers with amusement and media conglomerates with profit

tende a se sentir “pressionado” a consumir todo o resto do conteúdo existente, bem como futuros lançamentos.

Além de proporcionar entretenimento, esses conteúdos favorecem o avanço da indústria cultural, e em conjunto com meios de comunicação como a internet, auxiliam no processo de formação de identidade dos indivíduos por meio da unificação de crenças, estilos de vida e valores; além do estabelecimento de padrões de consumo (SILVEIRA, 2004).

Existem diversas plataformas e aplicativos pelos quais os inúmeros conteúdos podem chegar às diferentes partes do mundo, sendo muitas delas familiares para os alunos da rede básica de ensino, principalmente porque eles são de uma geração que cresceu cercada por tecnologia. Essas plataformas podem ser encontradas em diversos aparelhos, desde celulares a computadores. Diariamente, os alunos recebem esses conteúdos, podendo ser notícias sobre uma partida de futebol que ocorreu na Europa ou uma atualização sobre o último episódio de uma série que eles acompanham. Uma análise crítica desse processo permite que os alunos entendam que as diversas mídias de entretenimento que eles consomem, não estão excluídas do processo de Globalização, e que elas podem influenciar o modo como as pessoas enxergam o mundo, pensam e até mesmo se vestem.

5.4 Globalização e Indústria da Moda

Outro aspecto aliado à indústria do entretenimento e que também auxilia no processo de expansão das grandes empresas pelo mundo é a indústria da moda. A hibridação das diversas culturas do mundo, decorrente da Globalização, influencia as pessoas de diferentes maneiras. Numa sociedade de consumo, essa influência fica mais evidente ao observar a forma como as pessoas se vestem e se comportam.

A moda como é concebida hoje é fundamentada no processo de Globalização, que possui como um dos resultados a disseminação de signos e significados que são apropriados por ela e consequentemente trazidos para o cotidiano das pessoas de diferentes classes sociais. De acordo com Toniol & Albieri (2020, p. 2318):

A indústria da moda participa da nova economia-mundo trazendo não só a roupa, mas também o universo gestual e discursivo. A sociedade de consumo se vê repleta de significados ao formar identidades e determinar

estilos de vida. Trata-se de um abarrotamento de imagens de vida que nos são oferecidas pelo consumo.

A indústria da moda caminha de mãos dadas com aspectos que já foram mencionados neste capítulo, principalmente transporte e comunicação, pois, para que as tendências sejam difundidas com maior facilidade, é preciso que as mercadorias sejam levadas para as diversas partes do mundo em grande velocidade.

“Velocidade” é uma palavra-chave para definir a indústria da moda nos dias atuais, pois as tendências se iniciam e se findam em um curto espaço de tempo. Muitas empresas trabalham com a ideia de “fast fashion”, um fenômeno que se baseia na rápida produção, consumo e descarte de itens de vestuário. De acordo com Delgado (2008), esse conceito surgiu no final da década de 90, sendo usado pela mídia para definir o modo de produção que algumas empresas adotaram.

O fast fashion se aproxima do cotidiano das pessoas, influenciando o modo como elas consomem, através da distribuição de peças pelas grandes lojas de departamento em território nacional, além das lojas on-line que conseguem distribuir seus produtos com maior facilidade, pois não precisam manter um aporte físico em todos os lugares que entregam as mercadorias. De modo geral, as empresas utilizam as mídias tradicionais para a divulgação das tendências, além das redes sociais e da mídia de entretenimento, alcançando assim um público diversificado.

Refletir sobre moda não se resume apenas à análise do que as pessoas vestem e consomem, mas envolve também a forma como as pessoas se comportam e constroem suas identidades. O ensino crítico da Geografia possibilita que seja feita a relação entre esse tema e Globalização, evidenciando assim os efeitos que a indústria da moda, bem como as ferramentas por ela utilizadas para sua expansão, exercem influência na vida cotidiana dos alunos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se propôs a compreender como o ensino de Geografia auxilia no processo de construção da cidadania, utilizando o processo de Globalização como um exemplo de tema que pode ser trabalhado em sala de aula sob a perspectiva da Geografia Crítica. A pesquisa se deu por meio da consulta a diversos autores de diferentes áreas do conhecimento, com enfoque maior em autores das ciências humanas, em especial a Ciência Geográfica. O desenvolvimento do presente estudo possibilitou que fosse possível visualizar como ensino de Geografia, cidadania e Globalização estão interligados.

Por meio de uma síntese da história do ensino de Geografia no Brasil, foi possível observar como aos poucos, foi sendo incorporada uma perspectiva crítica aos objetivos da disciplina na educação básica. Um dos principais objetivos da Geografia Crítica é a mudança social, por meio da conscientização. Por esse motivo, possui um papel fundamental ao se falar sobre uma educação voltada para o exercício da cidadania.

Esta corrente da Geografia ganhou força no Brasil nas últimas décadas, o que pôde ser observado após a análise de trechos da última Base Nacional Comum Curricular dos anos finais do ensino fundamental para o ensino de Geografia (BNCC), além da lei de diretrizes e bases da educação. Ambos os documentos mencionam a importância do exercício da cidadania. No caso da BNCC, ela também menciona como a Geografia contribui na formação da identidade por meio da compreensão do que está ao redor do aluno, o que também contribui para a formação cidadã.

Após observar como a Geografia Crítica ganhou espaço no contexto educacional brasileiro, e como a mesma contribui para a construção da cidadania no aluno, foi possível fazer a relação entre os diversos temas presentes no componente curricular Geografia e como estes podem ser trabalhados em sala de aula, tendo a formação cidadã como objetivo. No caso do presente trabalho, a pesquisadora optou por falar sobre o processo de Globalização, ao observar como este é presente na vida cotidiana das pessoas de diversas maneiras.

Por meio da construção de um mapa mental numa plataforma virtual, foi feita a conexão entre Globalização e aspectos que perpassam a vida cotidiana das

peessoas e evidentemente, dos alunos da educação básica. É importante ressaltar que os pontos escolhidos não são as únicas possibilidades de relacionar o processo de Globalização com aspectos da vida cotidiana. Na verdade, as possibilidades que esse tema oferece são inúmeras, pois se trata de algo que influencia direta ou indiretamente diferentes ações e escolhas que as pessoas fazem todos os dias.

Espera-se que este estudo tenha tornado mais evidente a relação entre Geografia Crítica e a educação cidadã, além dos diversos conteúdos que podem ser abordados em sala de aula, em especial o processo de Globalização, oferecendo oportunidades para que o aluno compreenda melhor a sociedade em que vive, e criando condições para que conceitos como identidade e solidariedade sejam formados.

REFERÊNCIAS

- AZAMBUJA, Leonardo Dirceu de. **A geografia do Brasil na educação básica**. 2012.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- CAMPOS, Luís. CANAVEZES, Sara. **Introdução à Globalização**. 2007.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Elementos de uma proposta de ensino de geografia no contexto da sociedade atual**. Boletim Goiano de Geografia. 13 (1): 65-82, jan-dez. 1993.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia Escolar E a Cidade (a)**. Papirus Editora, 2008.
- CHICO SCIENCE E NAÇÃO ZUMBI, **A Praieira**. Rio de Janeiro : CHAOS. 1994.
- COELHO, Érica Aparecida et al. Construindo aprendizagem ativa com mapas conceituais: percepções e utilização. **Revista Paidéi@-Revista Científica de Educação a Distância**, v. 12, n. 21, p. 91-112, 2020.
- DELGADO, Daniela. Fast fashion: estratégia para conquista do mercado globalizado. **Modapalavra e-periódico**, n. 2, p. 3-10, 2008.
- FARIAS, Paulo Sérgio Cunha. **A geografia escolar crítica e a formação para a cidadania**. Revista GeoSertões, v. 5, n. 10, p. 12-39, 2021.
- FIALHO, Lia Machado Fiuza; DOS SANTOS MACHADO, Charliton José; DE SALES, José Álbio Moreira. **As correntes do pensamento geográfico e a Geografia ensinada no Ensino Fundamental**: objetivos, objeto de estudo e a formação dos conceitos geográficos. Educação em Foco, v. 17, n. 23, p. 203-224, 2014.
- FLORES, Simone da Silva; TONINI, Ivaine Maria. **Das fábulas, perversidades e outras possibilidades**: A globalização nos livros didáticos de Geografia. PESQUISAR–Revista de Estudos e Pesquisas em Ensino de Geografia, v. 1, n. 1, p. 359-372, 2014.
- FRANCO, David Silva; FERRAZ, Deise Luiza Da Silva. Uberização do trabalho e acumulação capitalista. **Cadernos Ebape. BR**, v. 17, p. 844-856, 2019.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GIL, Antônio Carlos. Como classificar as pesquisas. **Como elaborar projetos de pesquisa**, v. 4, n. 1, p. 44-45, 2002.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. edições Loyola, 1992.

HARVEY, David. Globalization in question. **Globalization and social change**, p. 19-36, 2000.

HELD, David; MCGREW, Anthony. **Prós e contras da globalização**. Zahar, 2001.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade Metodologia do. Do trabalho científico. **São Paulo: Atlas**, 2001.

MIRRELEES, Tanner. **Global entertainment media: Between cultural imperialism and cultural globalization**. Routledge, 2013.

SANTOS, Artur Henrique S.; JAKOBSEN, Kjeld A. O trabalho nas atuais transformações da globalização capitalista. **A Devastação do trabalho: a classe do labor na crise da pandemia**, v. 1, p. 9-29, 2020.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, v. 5, 1988.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização** – do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SILVA, Jeane Medeiros et al. **A BIBLIOGRAFIA DIDÁTICA DE GEOGRAFIA: história e pensamento do ensino geográfico no Brasil (1814-1930...)**. 2012.

SILVEIRA, Marcelo Deiro Prates da. Efeitos da globalização e da sociedade em rede via Internet na formação de identidades contemporâneas. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 24, p. 42-51, 2004.

TONIOL, Ana Paula Nobile; ALBIERI, Sara. O fast-fashion como fenômeno econômico-cultural: moda e globalização. **Brazilian Journal of Business**, v. 2, n. 3, p. 2316-2327, 2020.

ZOTTI, Solange. **Sociedade, educação e currículo no Brasil: dos jesuítas aos anos 80**. *Quaestio-Revista de Estudos em Educação* 4.2 (2002).

https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-38398-15-outubro-1827-566692-publicacaooriginal-90222-pl.html [Acesso em 5 de março de 2022]

https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret_sn/1824-1899/decreto-36979-2-dezembro-1837-562344-publicacaooriginal-86295-pe.html [Acesso em 6 de março de 2022]

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm [Acesso em 6 de março de 2022]